

Agronegócios

Mercado Balanço das companhias de capital aberto mostra que precificação média recuou até 14% em 1 ano

Dólar ajuda, mas não compensa baixa do açúcar

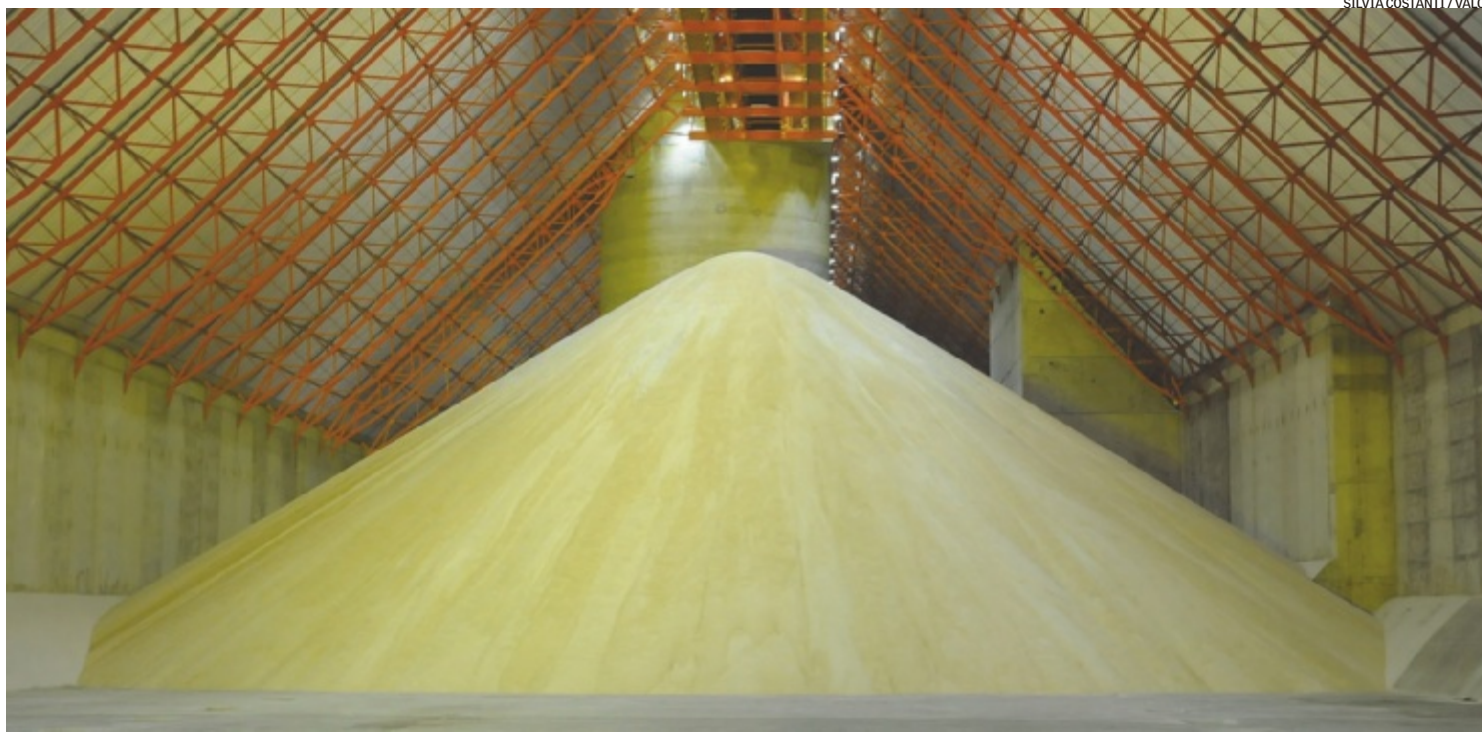
Fabiana Batista
De São Paulo

O balanço das companhias sucroalcooleiras com capital aberto na bolsa de São Paulo mostrou no primeiro trimestre da safra 2013/14 uma moagem maior de cana-de-açúcar, e uma receita líquida também crescente, decorrente da maior quantidade de produto vendido. No entanto, mostra uma precificação mais baixa para o açúcar, apesar de alguma compensação vinda da valorização do dólar.

Os grupos que fizeram a melhor combinação entre hedge de açúcar na bolsa de Nova York e de dólar viram a precificação média do açúcar da safra recuar 5% nos últimos 12 meses encerrados em 30 de junho. As companhias de desempenho mais modesto observaram uma retração de 14% na precificação média do produto no mesmo intervalo.

No mercado, nos 12 meses encerrados em 30 de junho de 2013, as cotações do açúcar na bolsa de Nova York recuaram 19,47%, segundo o Valor Data. O dólar ajudou a compensar parte dessas perdas ao se valorizar, no mesmo intervalo, 9,61%.

No topo da lista entre as sucroalcooleiras com capital aberto na BMF&FBovespa está a Biosev, a segunda maior companhia do segmento e controlada pela francesa Louis Dreyfus Commodities. Ao fim de junho do ano passado, a companhia tinha feito uma combinação de hedge (açúcar e dólar) que lhe trazia uma remuneração de R\$ 47,32 por libra-peso de açúcar. Na



Apesar de alguma compensação vinda do dólar, a precificação do açúcar de 2013/14 das companhias caiu pelo menos 5% nos 12 meses findos em 30 de junho

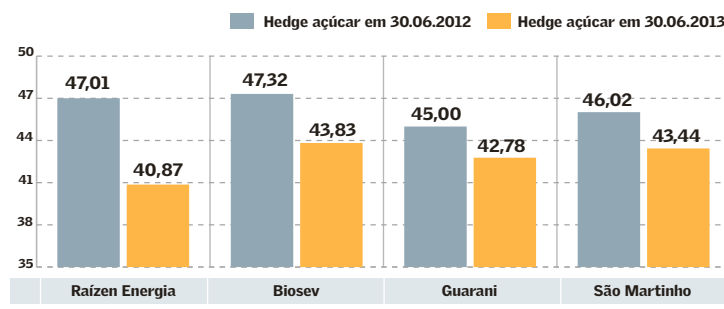
época, 43% da exposição líquida da empresa à commodity (produção total menos o volume que resulta do fornecimento de cana de terceiros) estava hedgeada.

No entanto, nos 12 meses seguintes, com a queda das cotações internacionais da commodity, esse valor médio recuou 7,37%, para R\$ 43,83 por libra-peso, para um volume de praticamente 100% da exposição líquida.

A segunda melhor precificação foi feita pelo grupo São Martinho, de um valor muito próximo do alcançado pela Biosev. Em 30 de junho deste ano, a companhia de Pradópolis (SP) informou que 91% de sua exposição líquida a açúcar estava pre-

Safra 2013/2014

Precificação de açúcar em 2013/14 das companhias do setor (R\$/lb)



Fonte: Empresas

cificada a R\$ 43,44 por libra-peso, resultado de um hedge da commodity a 20,3 centavos de dólar por libra-peso e de câmbio

a R\$ 2,14. Doze meses antes, quando começou a “proteger” a atual safra, esse valor estava 5,9% maior, a R\$ 46,02 por libra-peso.

A Raízen Energia, joint venture controlada pela Cosan e Shell, divulgou no último trimestre que até 30 de junho, havia feito hedge de um volume de 2,159 milhões de toneladas de açúcar ao valor médio de R\$ 40,87 por libra-peso. Esse preço é resultado de um hedge de açúcar na bolsa de Nova York a 19,10 centavos de dólar por libra-peso e de um dólar de R\$ 2,14. Há um ano, quando começou a precificação da safra 2013/14, a Raízen havia registrado um valor médio de R\$ 47,01 por libra-peso.

A Guarani, controlada pela Teoos Internacional, havia iniciado a precificação de açúcar há um ano ao valor médio de R\$ 45

Cai competitividade do frango brasileiro

Avicultura

Luiz Henrique Mendes
De São Paulo

Líder absoluto nas exportações de carne de frango, o Brasil viu sua indústria avícola perder competitividade na última década. Apesar da farta disponibilidade de grãos no país, condição vital para a criação de aves, indústrias do porte de BRF e Seara sofreram com a alta dos custos de mão de obra e menor produtividade do trabalho, num movimento similar ao que ocorreu com a indústria nacional como um todo.

Essas são as principais conclusões de um estudo da consultoria Agro.Icone encomendado pela União Brasileira de Avicultura (Ubabef). Conforme o estudo, a indústria exportadora de carne de frango “perdeu grande parte de sua competitividade nos anos recentes sobretudo pelo mercado de trabalho”. Entre 2006 e 2013, o custo da mão de obra em dólar no Brasil cresceu 116%, de acordo com o estudo.

Enquanto isso, o Brasil perdeu, ainda que marginalmente, participação nas exportações de carne de frango. Entre 2005 e 2008, os embarques do país correspondiam a 39% do comércio global, índice que caiu para 37% entre 2009 e 2012. Os percentuais se referem aos volumes comercializados e não à receita.

O Brasil não foi, porém, o único a perder mercado no período. Na mesma base de comparação, os Estados Unidos, segundo maior exportador global da proteína, viram sua participação recuar de 37% para 34%.

A participação perdida por Brasil e Estados Unidos acabou pulverizada, sem um grande “vencedor”. Conforme o Departamento de Agricultura america-

no (USDA), os países que, individualmente, têm uma fatia inferior a 4% do mercado respondiam, juntos, por 7% do comércio global de carne de frango entre 2005 e 2008. Essa taxa subiu para 11% entre 2009 e 2012.

Pelos cálculos do estudo da Agro.Icone, a perda de participação do Brasil fez com que a indústria brasileira de carne de frango deixasse de ganhar US\$ 1,65 bilhão com as exportações do produto. Além disso, o estudo também estima que o setor teria gerado 94 mil empregos diretos e indiretos caso ainda tivesse 37% do comércio global.

Na opinião do presidente da Ubabef, Francisco Turra, a elevação dos custos de mão de obra — fator apontado com o principal responsável pela perda de competitividade da indústria avícola — não é um problema em si. “Não há problema de crescer o custo de mão de obra, mas a produtividade tem que acompanhar”, afirma ele, elogiando a desoneração da folha de pagamentos do setor, que teve início neste ano.

O estudo mostra, no entanto, que a produtividade do trabalho não acompanhou o aumento dos custos de mão de obra. Entre 2006 e 2011, a produção de carne por trabalhador cresceu 13%, enquanto os salários médios avançaram 19% em termos reais no mesmo período.

Uma das alternativas para aumentar a produtividade da indústria avícola é intensificar o uso de máquinas, afirma o gerente de relações com o mercado da Ubabef, Adriano Zerbini. Segundo ele, ampliar a automação é essencial, uma vez que a indústria avícola é bastante intensiva em mão de obra. Além disso, com índices de desemprego em patamares baixos, a indústria tem dificuldades para contratar funcionários.



Francisco Turra: produtividade tem de subir para compensar alta dos custos

Segundo Zerbini, o maior uso de máquinas se reflete diretamente na produtividade do trabalho. Ele não quis detalhar os números do estudo da Agro.Icone, mas afirmou que o valor adicionado por trabalhador da indústria avícola brasileira corresponde a apenas um terço do verificado na indústria americana e metade do registrado na indústria alemã. EUA e Alemanha utilizam a automação de maneira mais intensiva que o Brasil, conforme Zerbini.

Além de ampliar o uso de máquinas, o estudo da Agro.Icone sugere outras mudanças para ampliar a competitividade do setor. Entre elas está a realização de concursos públicos para ampliar o efetivo de funcionários dedicados ao Sistema de Inspeção Federal (SIF). De acordo com o estudo, a indústria banca R\$ 232 milhões por ano com funcionários dedicados à inspeção. Com mais concursos públicos, a indústria repassa-

ria esse custo para o Estado.

Para além dos custos industriais, o Ubabef também defende investimentos em logística, que ajudariam a ampliar a competitividade da indústria nacional. Conforme a Agro.Icone, as empresas brasileiras pagam, em média, US\$ 46,80 por tonelada de carne exportada no trajeto entre a unidade de produção e o porto. Já na Tailândia, que vem ganhando espaço nas exportações de carne de frango e hoje representa 4% do comércio global, esse custo é de US\$ 33 por tonelada exportada.

Os custos portuários também são mais altos no Brasil, aponta o estudo. A indústria brasileira gasta, em média, US\$ 22,90 por tonelada exportada, enquanto os EUA gastam a metade disso (cerca de US\$ 11 por tonelada exportada). Tailândia, com gastos de US\$ 12,70 por tonelada exportada, e França, com US\$ 19,20 por tonelada exportada, também têm custos portuários inferiores.

Por Lactalis, assembleia da LBR pode ser suspensa

Lácteos

Alda do Amaral Rocha
De São Paulo

Em negociações com a francesa Lactalis para transferência de seu controle, a LBR-Lácteos Brasil deve sugerir, no dia 29, que seus credores deliberem pela suspensão da assembleia marcada para analisar o seu plano de recuperação judicial, apurou o **Valor**.

Ontem, haveria assembleia de credores da LBR em São Paulo, em primeira convocação, mas a falta de quórum impediu a realização e a reunião foi postergada para a próxima quinta-feira.

A Lactalis mostra “um interesse firme” pela LBR, ouviu a reportagem do **Valor** ontem depois de a assembleia ter sido adiada para a próxima semana. A suspensão da assembleia do dia 29 daria tempo aos credores para avaliar os desdobramentos das negociações entre as duas empresas.

Conforme antecipou o **Valor**, a Lactalis, que tem receita anual de quase € 16 bilhões, faz “due diligence” na LBR. A operação que está sendo discutida entre as duas empresas prevê a transferência de controle da LBR para a Lactalis por meio de uma operação de aumento de capital, segundo fontes próximas às negociações.

Ontem, a Monticiano Participações, maior acionista da LBR, enviou comunicado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) confirmando as negociações com a francesa Lactalis.

Segundo o comunicado assinado pelo diretor de relações com investidores da empresa, Rubens Marques de Freitas, a LBR “concedeu, por determinado período, exclusividade em favor da Parmalat SpA (controlada da Lactalis) para tratativas preliminares que podem ou não evoluir

por libra-peso. No exercício encerrado em 30 de junho, a empresa informou que esse valor havia caído 4,9%, para R\$ 42,78 centavos de dólar por libra-peso.

Parte da precificação mais baixa de açúcar para toda a safra já se materializou no balanço do primeiro trimestre desses mesmos grupos. O preço médio de venda da commodity recuou no período para todas as companhias de capital aberto, no entanto, como os volumes comercializados foram maiores, a receita líquida avançou.

A Raízen, líder do segmento, vendeu 38,4% mais açúcar no primeiro trimestre da safra 2013/14, que em igual intervalo do ano passado. Com isso, obteve uma receita líquida com a commodity 21,5% superior, apesar do preço médio alcançado ter sido 12,2% inferior.

No caso da São Martinho, a receita líquida com açúcar avançou 57% no trimestre, diante de um volume vendido 88,8% maior, o que mais do que compensou a queda de 16,8% no preço médio da commodity.

O preço médio de venda de açúcar da Biosev no primeiro trimestre do ciclo caiu 18,7% e o volume vendido subiu 30%, o que gerou uma receita líquida de R\$ 506,514 milhões, 5,6% maior que em mesmo intervalo do ciclo anterior.

Desde o dia 14 de agosto, primeiro pregão após a divulgação de resultados do 1º trimestre, a Biosev viu seus papéis caírem 14%, pressionados pelo anúncio de que geadas ocorridas em canaviais da empresa em Mato Grosso do Sul provocarão quebra na safra.

para uma operação envolvendo a LBR, não havendo, entretanto, nenhum documento vinculativo acerca da implementação da referida operação”.

A LBR tem a licença de uso no Brasil da marca Parmalat, que pertence à Lactalis, até 2017. Assim, se a negociação entre a LBR e a gigante francesa for concretizada, a Lactalis retomará o controle da marca Parmalat no mercado brasileiro.

Também ontem, durante a primeira convocação da assembleia, fontes próximas às negociações disseram que o aumento de capital pela Lactalis “não será feito sem um acordo com os credores” da LBR. O aumento de capital da empresa brasileira é uma das possibilidades previstas no plano de recuperação judicial, apresentado em maio deste ano.

Com dívidas estimadas em R\$ 1 bilhão, a LBR propõe aos credores, em seu plano, o pagamento do valor de face dos débitos, mas quitação do principal só a partir de 2021 no caso dos credores com garantia e quirografários (sem garantia). Credores considerados fornecedores essenciais seriam pagos em até 24 meses a partir da aprovação do plano.

Os débitos da empresa com os credores quirografários financeiros somam R\$ 517 milhões. O BNDES, que é um dos maiores credores da companhia, não votará na assembleia por também ser acionista. Os credores com garantia real totalizam um montante de R\$ 120 milhões.

O maior acionista da LBR é a Monticiano (formada por GP e Laep), com uma fatia de 40,55%, seguida pelo BNDESPar, com 30,28%. A Bom Gosto Participações tem 26,3% da companhia e os fundos CRP VII e CRP BG têm fatias de 2,38% e 0,49%, respectivamente. (Colaborou Mariana Caetano)